

Abordagens conceituais e relacionais entre extensão universitária e mediação da informação

Conceptual and relational approaches between university extension and information mediation

Antonio Marcos Ribeiro Frutuoso

Mestrando em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri – UFCA, Brasil.

E-mail: amarcos.rf@gmail.com

Jonathas Luiz Carvalho Silva

Pós-Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil.

Professor do Curso de Graduação e Pós-Graduação Stricto Sensu em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri – UFCA, Brasil.

E-mail: jonathas.carvalho@ufca.edu.br

Resumo

Apresenta a Extensão Universitária como uma dimensão profícua de estudos e práticas acadêmicas, sendo a mediação da informação um campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação constituída de uma multiplicidade de intervenções que visam propiciar a interferência em comunidades e demandas contextuais da sociedade, sejam sociais, culturais, educacionais, tecnológicas etc. Define como problemática a seguinte questão: Quais as possíveis relações entre Extensão Universitária e mediação da informação? Objetiva abordar as potenciais relações entre Extensão Universitária e mediação da informação considerando os fundamentos teórico-práticos que norteiam ambos os objetos de estudo. Utiliza como aspectos metodológicos a finalidade exploratória, estabelecendo diálogo com o método bibliográfico, utilizando principalmente de artigos mapeados em canais de informação supraformais, tais como os periódicos eletrônicos e os anais de eventos em meio digital, o que caracteriza o estudo qualitativo. Discute os aspectos conceituais de Extensão Universitária e mediação da informação de maneira individualizada visando perceber os atributos norteadores que determinam as possíveis relações entre essas dimensões. Os resultados demonstram que há várias possibilidades de relação entre a Extensão Universitária e mediação da informação, tanto no sentido de como a extensão se apropria dos elementos da mediação e como a mediação pode ser aplicada para otimizar as práticas extensionistas. Conclui que as relações entre Extensão Universitária e mediação da informação tem como base os aspectos teóricos e práticos que atuam de forma pedagógica e institucional visando a construção de estratégias, intervenções e interferências trabalhadas no cotidiano acadêmico de uma forma contextual e direcionadas a sociedade no geral.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Mediação da informação - Conceitos - Tipologias. Relações - Extensão Universitária - Mediação da informação.

Abstract

It presents the University Extension as a fruitful dimension of academic studies and practices, and information mediation is a field of Information Science and Librarianconomics consisting of a multiplicity of interventions aimed at providing interference in communities and contextual demands of society, whether social, cultural, educational, technological, etc. It defines as problematic the following question: What are the possible relationships between University Extension and information mediation? It aims to address the potential relationships between University Extension and information mediation considering the theoretical and practical foundations that guide both objects of study. It uses as methodological aspects the exploratory purpose, establishing dialogue with the bibliographic method, mainly using articles mapped in supraformal information channels, such as electronic journals and events in digital media, which characterizes the qualitative study. It discusses the conceptual aspects of University Extension and information mediation in an individualized way in order to perceive the driving attributes that determine the possible relationships between these dimensions. The results show that there are several possibilities of relationship between university extension and information mediation, both in the sense of how the extension appropriates the elements of mediation and how mediation can be applied to optimize extensionist practices. It concludes that the relations between University Extension and information mediation are based on the theoretical and practical aspects that act in a pedagogical and institutional way aiming at the construction of strategies, interventions and interferences worked in the academic daily life in a contextual way and directed to society in general.

Keywords: University Extension. Information mediation - Concepts - Typologies. Relationships – University Extension – Information Mediation.

1. Introdução

Apesar do reconhecimento legal da Extensão Universitária, é imprescindível fortalecer a prática de sua curricularização, ainda vista como elemento desvalorizado nas universidades. Mesmo que a extensão se situe inserida nos pilares das universidades públicas, é fundamental que suas modalidades e eixos sejam fomentadas nos projetos pedagógicos dos seus respectivos cursos, tendo em vista os benefícios de visibilidade, integração e responsabilidade social na tríade universidade, curso e sociedade, principalmente em virtude de seus valores democráticos dirigir-se *pari passu* com a ameaça real à democracia, os direitos sociais, fatores que buscam fragilizar a relação da universidade com a sociedade.

Sobre a mediação da informação, considerada um dos grandes objetos da Ciência da Informação (CI), essa dimensão se constitui de uma multiplicidade de intervenções (ações coletivas) que visam propiciar a interferência (construção e reconstrução de conhecimentos) em comunidades e demandas contextuais da sociedade, sejam sociais, culturais, educacionais, tecnológicas etc. Além disso, ao compreender que o sujeito se torna o principal foco das práticas mediacionais, deve participar de forma interacionista nos fundamentos de intervenção e interferência, considerando as particularidades/necessidades de cada segmento participante do processo de mediação e do usuário.

Nessa perspectiva, tanto a Extensão Universitária como a mediação da informação são temas de atuação pedagógica e institucional que visam a construção de estratégias e atividades as quais contribuam e interfiram na comunidade. Ou seja, a Extensão Universitária também prima pela intervenção e interferência como a mediação da informação, por isso ambas as dimensões possuem pontos potencialmente comuns que podem ser explorados e trabalhados no cotidiano acadêmico de uma forma contextual. Dentro desse contexto, a pesquisa é norteada pela seguinte pergunta-problema: quais as possíveis relações entre Extensão Universitária e mediação da informação?

Destarte, as razões que justificam a presente pesquisa, em âmbito profissional, estão relacionadas aos trabalhos desenvolvidos com questões extensionistas aplicadas em projetos e cursos de extensão na trajetória acadêmica enquanto pesquisadores e; numa perspectiva mais profissional, com propostas de mediação da informação aplicada em ambientes informacionais e organizações escolares. No âmbito social, entende-se a extensão como prática de atuação que contribui para a formação das pessoas, concepção consolidada por meio do desempenho de

ações extensionistas no ensino superior, básico e em grupos da sociedade. Já no aspecto acadêmico, busca-se construir novos conhecimentos aos quais atrelem ou potencializem as relações entre Extensão Universitária e mediação da informação.

Diante do contexto denotado, a pesquisa tem como objetivo geral abordar as potenciais relações entre Extensão Universitária e mediação da informação considerando os fundamentos teórico-práticos que norteiam ambos os objetos de estudo. O âmbito teórico-prático ocorre pela condição simbiótica entre a Extensão Universitária e mediação da informação, no sentido de compreender como a extensão se apropria dos elementos da mediação e como a mediação pode ser aplicada para otimizar as práticas de extensão. Para tanto, será observado essa simbiose a partir do Quadro 2, o qual revela quais são os pressupostos da mediação da informação que a extensão pode se apropriar e, no Quadro 3, com as aplicações da Extensão Universitária a partir dos pressupostos tipológicos da mediação da informação de Silva (2015).

Quanto aos aspectos metodológicos, a pesquisa tem como finalidade o método exploratório, uma vez que permite explorar/entender a relação entre Extensão Universitária e mediação da informação com base na literatura de ambos os objetos (GIL, 2010). Sobre a estratégia, forma de investigação para se chegar ao fim, optou-se pelo método bibliográfico, utilizando principalmente artigos mapeados em canais de informação supraformais, tais como os periódicos eletrônicos e os anais de eventos em meio digital, o que caracteriza essa investigação como sendo de cunho qualitativo.

Dentre os autores contemplados, em relação a Extensão Universitária, evidencia-se o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) referente aos anos de 2001, 2007 e 2012, Nogueira (2005) e Freire (2006). Quanto a mediação da informação, ressalta-se Marteleto (2006), Almeida Júnior (2009, 2015), Gomes (2010), Araújo (2012), Silva (2015), dentre outros. Já nas relações entre Extensão Universitária e mediação da informação, menciona-se Silva (2015, 2016, 2017a, 2018) e Silva e Farias (2018).

No que concerne a proposta estrutural do presente artigo, em primeiro lugar, têm-se as questões conceituais que norteiam a Extensão Universitária. Em seguida, aborda-se a mediação da informação, suas principais percepções conceituais até a definição dos conceitos sólidos, tipologias de mediação e aplicação na prática profissional. Por fim, trata-se das questões norteadoras das relações entre Extensão Universitária e mediação da informação a partir da tipologia de mediação de Silva (2015).

2. Extensão universitária

No limiar da segunda metade do século XIX, surge na Universidade de Cambridge da Inglaterra, a Extensão Universitária com a criação de um programa formal de “cursos de extensão” a ser levados por seus docentes a diversas regiões e segmentos da sociedade, sendo que das três dimensões constitutivas da universidade a extensão foi a última a surgir (SILVA, 2017). Em âmbito nacional, as atividades de Extensão Universitária remontam ao início do século XX. Suas primeiras manifestações, através de cursos e conferências, foram realizadas em 1911, a exemplo de faculdades tais como: Filosofia, Ciências e Letras, Direito e Medicina, que posteriormente (em 1934) se constituíram como Universidade de São Paulo (USP). Além disso, houve também prestações de serviço da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa de Minas Gerais, na década de 1920. Sobre o primeiro caso, a influência veio da Inglaterra; já no segundo, dos Estados Unidos.

A primeira referência legal da extensão localiza-se no Estatuto das Universidades Brasileiras, pelo Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931 o qual regulava que “[...] a Extensão Universitária tinha como objetivo dilatar os benefícios da atmosfera universitária àqueles que não se encontram diretamente associados à vida da Universidade, dando amplitude às atividades universitárias, e elevar o nível da cultura geral do povo” (BRASIL, 1931, não paginado).

Em sequência, a cerca de 50 anos dessa referência legal (que cobre uma Guerra Mundial e duas ditaduras só no Brasil), surge no fim da década de 1980 o FORPROEX, entidade responsável por articular e definir as políticas acadêmicas de extensão. A organização desse órgão propicia à comunidade acadêmica uma conceituação mais precisa da extensão. A Constituição Federal de 1988 preceitua a “[...] indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 2017, p. 123) e determina que “[...] as atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do poder público” (BRASIL, 2017, p. 125).

Com a institucionalização da extensão na constituição, não demorou para a legislação do Ministério da Educação (MEC) através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecer que a educação superior tem por finalidade “[...] promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (BRASIL, 1996, não paginado). E, para o fortalecimento da extensão nas Instituições de Ensino Superior (IES), a lei supracitada institui que “[...] as atividades

universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do Poder Público, inclusive mediante bolsas de estudo” (BRASIL, 1996, não paginado).

Seguindo essa linha de raciocínio, com o reconhecimento legal da extensão, em meados de 2001, o FORPROEX elabora o Plano Nacional de Extensão Universitária pactuando novas perspectivas conceituais: “A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (FORPROEX, 2001, não paginado). Ao concretizar que a extensão é parte indispensável do pensar e fazer universitário, busca-se a institucionalização dessas atividades, tanto do ponto de vista administrativo como acadêmico.

Nesse contexto, o FORPROEX elabora o documento “Extensão Universitária: organização e sistematização” e estabelece as seguintes modalidades de atuação para consecução de suas premissas e contribuir para com as demandas da sociedade: a) programas (conjunto articulado de projetos e outras ações); b) projetos (ação processual e contínua de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico); c) cursos (abrande atualização, capacitação e/ou aperfeiçoamento); d) eventos (seminários, palestras, campanhas, congressos, outros); e) prestação de serviço (trabalho ofertado pela Instituição de Educação Superior ou contratado por terceiros) e; f) produção e publicação acadêmica (produtos acadêmicos decorrentes das ações de extensão) (FORPROEX, 2007).

Averigua-se, conforme as categorias supramencionadas, uma rede de nichos temáticos que podem ser planejados, desenvolvidos e executados por meio de metodologias dialógicas, interacionistas e interdisciplinares. Desse modo, um dos fenômenos pelos quais intercorre a mediação na extensão é através dessas modalidades, uma vez que se pode mediar via programa, projeto, evento, curso, prestação de serviço e produção e publicação acadêmica.

Com isso, mediante à sistematização determinada para a realização das ações de extensão, logo foi possível vislumbrar o fortalecimento dessa dimensão fazendo-se necessária uma nova conceituação. Com a elaboração da Política Nacional de Extensão Universitária pelo FORPROEX, define-se extensão como o “[...] processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 15), por especular a postura que a universidade deve assegurar para com a comunidade interna (docentes, discentes, técnicos) e externa (a sociedade em geral).

Além dessa sólida conceituação, determina o FORPROEX (2012) que as práticas de extensão devem ser norteadas por princípios e políticas públicas, que visam sua construção e aprimoramento contínuo pelas universidades públicas. Sua atuação compreende três eixos integradores - áreas temáticas, território e grupos populacionais. Com foco no eixo das áreas temáticas, são sistematizadas por oito campos que determinam as ações de Extensão Universitária (desenvolvidas através de suas modalidades) com grandes focos de política social, a saber: Comunicação; Cultura; Direitos Humanos e Justiça; Educação; Meio Ambiente, Saúde; Tecnologia e Produção; e Trabalhos (FORPROEX, 2012).

Com esse escopo e compromisso, Nogueira (2005, p. 11) reforça a importância de provocar reflexões sobre a extensão,

[...] refletir sobre a extensão é um desafio para aqueles que a entendem e desenvolvem com qualidade acadêmica tão importante quanto as outras atividades, o ensino e a pesquisa, considerando que as três funções da Universidade compõem o processo acadêmico que se estendem desde a produção do conhecimento até a transmissão dos resultados.

Nessa acepção, Freire (2006) acentua que a extensão se tornou processo primordial que tem como intuito obter resultados satisfatórios tanto para as comunidades assistidas quanto para as próprias instituições de ensino. O fator determinante no ensino de qualidade implica na inclusão dos discentes frente a realidade social do país, objetivando beneficiar, por um lado, a sociedade e, por outro, a formação cidadã e profissional deste. Entende-se que essa relação caracteriza a extensão como dimensão que favorece o diálogo entre o conhecimento científico e os saberes da sociedade.

Para tanto, é imprescindível efetivar a curricularização da extensão nas *praxes* acadêmica (conforme determina o Plano Nacional de Educação - PNE, 2014-2024), acarretando em benefícios mútuos para as comunidades envolvidas. A partir dessa integração, é imprescindível a promoção de práticas as quais capacitem os sujeitos a atuarem eticamente na sociedade, através de um processo educacional que proporcione a inclusão, participação política e crítica do alunado comprometido com as causas sociais.

3. Mediação da informação

A mediação na perspectiva etimológica, adquire a partir da ligação entre mediação e informação, a preposição “da” (preposição de + artigo “a”), classificada como um artigo genitivo, designando a relação derivacional entre ambos os elementos. Nesse sentido, é necessário refletir sobre o tipo de informação dessa dimensão, tornando-se pertinente a discussão sobre o paradigma da informação na CI.

O paradigma social na CI, emerge no início da década de 1990 a partir da conferência realizada na Finlândia, tendo como principais representantes Hjørland e Albrechtsen (1995), Hjørland (2002) e Capurro (2003). Seu principal enfoque envolve o domínio e processos sociais na construção coletiva, interacionista e dialógica da informação. Para Capra (1996, p. 16), esse paradigma representa “[...] uma constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza”.

Assim, percebe-se uma nova configuração para a informação que supera sua concepção enquanto elemento contido somente nos suportes físicos como o livro, para uma informação caracterizada como fenômeno social, presente no cerne do processo cotidiano e das práticas histórico-sociais (CAPURRO, 2003). Do ponto de vista crítico, Almeida Júnior (2009, p. 97) concretiza que a informação “[...] está sendo empregada como criadora de conflitos, pois só estes viabilizam a transformação do conhecimento. A informação não dirime as dúvidas ou elimina incertezas. Ela exige a reconstrução do conhecimento na medida em que destrói certezas”.

De fato, a informação não está posta para tirar dúvidas, pelo contrário, ela reconstrói as dúvidas a fim de produzir novos conhecimentos. Desse modo, a mediação torna-se vital para entender como a informação é produzida e pode gerar novos questionamentos, ideias e aplicações, propiciando a reconstrução do conhecimento a partir da tríade - processos, fluxos e comportamentos informacionais, com a finalidade de atender necessidades singulares e coletivas.

Para além do paradigma social da informação, a mediação da informação possui, de acordo com Silva (2017b), uma estreita relação com o objeto da CI uma vez que engloba aspectos epistemológicos (sentido norteador), objeto temático (processos, gestão, tecnologias e fluxos de informação) e o suporte/recorte do objeto (mediação e os sujeitos da informação).

Notoriamente, observa-se pontos centrais tanto no objeto da CI como no paradigma social da informação: processos, tecnologias, mediação e sujeitos da informação.

Partindo desse pressuposto, é pertinente atentar para o conceito de mediação por dois motivos:

- a) o conceito de mediação prima pela ausência de um consenso com relação a sua definição, o que permite inferir que até hoje não foi sujeito a um exercício de apropriação e ajustamento pelos especialistas em CI, e quando usado por estes, foi como cópia ou tradução direta de certas fontes (MALHEIRO; RIBEIRO, 2011, p. 155);
- b) por ser, a mediação da informação um processo de transição e/ou articulação entre a produção, circulação e a apreensão da informação aproximando emissor e receptor; serviço e usuário; profissional e usuário (SILVA; SILVA, 2012, p. 3).

Nessa perspectiva, será posto à baila uma percepção crítico-analítica dos conceitos de mediação da informação na CI, através das associações científico-contextualistas de alguns dos principais estudiosos luso-brasileiros desse campo, visando assimilar seus diversos sentidos empreendidos através dessa base epistemológica (Quadro 1):

Quadro 1 – Manifestações conceituais de mediação da informação na Ciência da Informação
(continua...)

Autor/Instituição	Percepções conceituais	Ano
Regina Maria Marteleto/Escola de Ciência da Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Aleixina Maria Lopes Andalécio/Centro de Computação (CECOM) da UFMG	Mediação da informação está relacionada à ação social dos sujeitos e está ligada, de um lado, aos meios de produção, apropriação e disseminação de informações e, de outro, aos usos, que compõem sua faceta mais indeterminada e instável e que, portanto, abrem brechas para novas mediações, sentidos e realidades.	2006
Aida Varela Varela/Universidade Federal da Bahia (UFBA)	“[...] os elementos que compõem a mediação são os que vão permitir a harmonia de objetivos entre o que busca o usuário e o que o profissional oferece” (p. 36).	2008
Giulia Crippa / Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP)	A autora compreende a mediação da informação a partir de uma perspectiva cultural em que não basta apenas o ato de intermediar em si. Mas, sim, apropriar-se das mensagens e dos signos, constituindo um processo de mediação cultural completo.	2008
Marco Antônio de Almeida ECA/USP	“Na mediação da informação e cultura, ressalta-se o caráter eminentemente social da questão informacional, ou seja, o de que nenhuma questão informacional poderia ser formulada fora de uma ambientação da sociedade e da cultura, o que permite a construção das perguntas de informação do ponto de vista da sua produção e apropriação coletiva” (p. 20).	2008
Armando Malheiro da Silva/Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Investigador do Centro de Estudos em Tecnologia e Ciências da Comunicação (CETAC)	A noção da mediação da informação está inserida no contexto do paradigma custodial ou patrimonialista/tecnista, em que a prioridade estava em guardar o patrimônio cultural incorporado e acumulado, não no acesso ou na difusão plena e, no paradigma pós-custodial e informacional, o qual	2009

	configura-se como uma multi-mediação.	
Gisele A. Ribeiro Sanches / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Sinomar Ferreira do Rio / Faculdades Integradas de Nova Andradina	A “[...] mediação da informação se constitui como um processo de fluxo e refluxo dos processos culturais, de maneira a contribuir com a fixação do adquirido, bem como potencializando ações transformadoras” (p. 112-113).	2010
Henriette Ferreira Gomes / UFBA	Para se pensar o conceito de mediação da informação, a autora ressalta que é preciso situá-la como ação vinculada à vida, ao movimento, ao processo de construção de sentidos.	2010
Adriana Bogliolo S. Duarte / UFMG	“[...] por trás do conceito de mediação informacional está a satisfação das necessidades informacionais dos indivíduos. Como os estudos de usuários visam conhecer as necessidades informacionais dos indivíduos, eles se configuram em excelente instrumento de trabalho para os mediadores de informação” (p. 782).	2011
Carlos Alberto Ávila de Araújo / UFMG	“[...] a ideia de mediação, isto é, de uma intervenção intencional, de um ‘colocar-se entre’ e, por meio justamente desta ação, fazer se relacionarem diferentes sujeitos, instituições e instâncias” (p. 15).	2012
Carlos Cândido de Almeida / Universidade Estadual Paulista (UNESP)	“[...] a mediação da informação é um processo semiótico geral decorrente de uma atividade interacional que influi na apropriação da informação e na transformação desta em algo mais elaborado” (p. 11).	2012
Oswaldo Almeida Júnior / Universidade Estadual de Londrina (UEL) / Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Campus de Marília	A mediação da informação é: “[...] toda ação de interferência - realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais” (p. 25).	2015 ¹
Jonathas Luiz Carvalho Silva / Universidade Federal do Cariri (UFCA)	A mediação da informação compreende: “[...] um conjunto de práticas construtivas de intervenções e interferências regidas por intencionalidades, normas/regras, correntes teórico-ideológicas e crenças concebidas pelo profissional da informação em interação com os usuários no âmbito de suas realidades cotidianas e experienciais, indicando procedimentos singulares, coletivos e/ou plurais de acesso e uso da informação, estimulando à apreensão e apropriação para satisfação de necessidades de informação” (p. 103).	2015
Maria Giovanna Guedes Farias / Universidade Federal do Ceará (UFC)	“[...] a mediação da informação representa uma oportunidade de atuar junto a comunidades urbanas, para ampliar as possibilidades de ação dos sujeitos dessas comunidades no mundo, de modo a serem reconhecidos e se reconhecerem, como uma forma de motivar cada morador a lutar por melhorias para si e para a coletividade, construindo um mundo melhor no presente e para a posteridade” (p. 342).	2016
Janaina Ferreira Fialho / Universidade Federal de Sergipe (UFS), Martha Suzana Cabral Nunes/UFS, Telma de Carvalho/UFS	“A mediação da informação, tal qual vem sendo estudada na Ciência da Informação e na Biblioteconomia, caracteriza-se como um processo que engloba diferentes atores, saberes, dispositivos, ambientes e sistemas, interligados pelo interesse, pela informação, pelo desejo do conhecimento e pela aprendizagem que permeia todas as suas interfaces” (p. 257).	2017

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

¹ Conceito atualizado de 2008, em artigo apresentado no IX Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Enancib).

Levando em consideração os elementos que norteiam o conceito de mediação da informação propostos por Almeida Júnior (2015) e Silva (2015), pode-se destacar: o **caráter dinâmico e relacional**, enquanto **construção, intervenção e interferência** a partir do diálogo estabelecido com o sujeito; como **construção de sentidos** no que concerne o movimento e a vida cotidiana dos seres envolvidos em seu processo; vinculada aos **processos dialógicos, interacionistas**, desvinculados de hierarquias e procedimentos muito burocráticos nas intervenções e interferências nos ambientes de informação, seja entre mediador e usuário, centro de informação e usuário, centro de informação e mediador, centro de informação, mediador e usuário.

Considerando as ponderações teórico-conceituais da mediação da informação, principalmente na CI, observa-se um leque de aplicações e percepções conceituais tanto etimológicas como epistemológicas. Assim, pode-se apreender esse campo como sendo: um conjunto de práticas mediacionais, que através do método de intervenção e interferência para e com o sujeito, conforme as necessidades/demandas/desejos/perfis, carregam a potência do diferente, do criativo, inventivo, em direção a formação de fluxos mediacionais, relações mediacionais, redes mediacionais e conexões mediacionais.

Naquilo que concerne a aplicação da mediação em ambientes de informação, também será abordada na concepção dos autores: Almeida Júnior (2009) e Silva (2015). Partindo do pressuposto que a mediação está presente em todos os fazeres do profissional da informação, Almeida Júnior (2009, p. 92-93) envidou a distinção da mediação implícita e explícita: a mediação implícita que “[...] ocorre nos espaços dos equipamentos informacionais em que as ações são desenvolvidas sem a presença física e imediata dos usuários” e; explícita que “[...] ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição sine qua non para sua existência, mesmo que tal presença não seja física [...]” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92-93).

As tipologias de mediação da informação propostas por Silva (2015) são categorizadas da seguinte maneira: a) mediação técnica da informação, que são ações de organização, representação da informação envidadas pelo profissional da informação a fim de estimular o uso da informação, seja em ambiente físico ou virtual; b) mediação pedagógica da informação, em que sua condução parte de procedimentos heurísticos, considerando os estudos de usuários, uso do acervo, das condições tecnológicas, de serviços e produtos, visando uma aproximação com a comunidade, bem como promover autonomia para o usuário no acesso e uso da informação; c) mediação institucional da informação, tipologia primordial para a captação de

recursos (financeiros, pessoais, equipamentos, acervo, instrumentos tecnológicos etc.), no interior ou exterior à instituição, tencionando a concretização de suas intervenções e sustentabilidade (razão de existência).

Diante das aplicabilidades da mediação da informação em ambientes de informação, é possível perceber um *locus* extenso de atuação, que junto do profissional da informação e usuários, formam uma tríade que deve atuar de maneira interacionista em prol da construção social da informação e conhecimento.

4. Relações entre extensão universitária e mediação da informação

Conforme explicitado nas subseções anteriores, as quais tratam da Extensão Universitária e mediação da informação, agora, é pertinente conceber as possíveis relações entre extensão e mediação, em especial, considerando os pressupostos contributivos da mediação da informação para a dinamização dessa dimensão.

Na busca por identificar na produção científica dos diversos canais de informação, principalmente nos supraformais (periódicos eletrônicos, a própria internet, portais de informação científica etc.), constatou-se a ausência de documentos que retratam percepções conceituais ou o conceito propriamente dito, da relação da Extensão Universitária com a mediação da informação, visto que ambas as dimensões são tratadas de forma desprendidas e aplicadas em segmentos da sociedade.

Nessa perspectiva, as discussões nas seções anteriores propiciam dissertar que a relação entre a Extensão Universitária e a mediação da informação contemplam a extensão através da prática mediacionista como fenômeno de: a) intervenção e interferência; b) dialógica e interacionista; c) integração; d) apropriação; e) construção de novos conhecimentos; f) formação de competências e habilidades; g) solução de problemas; h) satisfação de necessidades e; i) promoção da autonomia. A priori, esses são os elementos que relacionam a Extensão Universitária como prática de mediação da informação.

Para justificar os elementos que determinam a relação dessas dimensões, elaborou-se o quadro que segue determinando os seus principais atributos para consecução do que se estabelece em sentido epistemológico e pragmático de cada ponto.

Quadro 2 – Atributos que norteiam a relação da Extensão Universitária com a mediação da
informação

Elemento(s)	Fundamento
Intervenção e interferência	Contemplam um conjunto de práticas construtivas, tendo o primeiro termo como finalidade, promover a mudança de um estado para o outro, através de recursos, fontes e serviços de informação e, a interferência, efetiva-se pela transformação social, a partir da construção e reconstrução de conhecimentos oportunizada pelas ações da intervenção, considerando a díade universidade-sociedade e sociedade-universidade.
Dialógica e interacionista	Desvinculam hierarquias e procedimentos muito burocráticos nas intervenções e interferências, levando em consideração a capacidade de articulação e mobilização de cada sujeito.
Integração	Propicia criar uma rede de relações e vivências em campos do conhecimento possivelmente distantes, potencializa as ações, constrói encontro para discussões e gera oportunidades de conhecer novas áreas e possibilidades de atuação profissional.
Apropriação	Pressupõe uma interferência, ou seja, ações que transformam o sujeito em um ser ativo, a partir das diversas formas de se obter informações, seja através de projetos, equipamentos culturais e ambientes informacionais, tecnológicos, dentre outros.
Construção de novos conhecimentos	As ações de intervenção e interferência, mediante percepção sobre a realidade objetiva do enfoque humano a ser considerado, suas múltiplas realidades, o processo de integração e apropriação constroem um fluxo de conhecimentos partilhados sob a ótica do diálogo e interação.
Formação de competências e habilidades	As competências preparam o indivíduo para obter êxito em sua vida social e profissional a partir das formas de conduzir relações, tomadas de decisões, espírito de liderança, capacidade de resolver conflitos e utilizar os conhecimentos empíricos seja do âmbito social, estudantil, acadêmico e profissional. Quanto a habilidade, fica evidente ao contextualizar a competência, através da formação de competências, tenciona-se que os sujeitos apliquem na prática determinada competência para atuar conforme a circunstância.
Solução de problemas	Esse elemento pode ser compreendido, de forma macro, em nível local, regional e nacional e, de forma micro, envolvendo pequenos e grandes grupos, contemplando uma série de problemas que envolvem os eixos temáticos supracitados da extensão, bem como sua articulação com as políticas públicas, seja ela, social, comunicacional, educacional, ambiental, direitos humanos, institucional, dentre outras.
Satisfação de necessidades	Relaciona-se com o estabelecimento da efetiva concretização do conhecimento e contemplação das necessidades de informação dos sujeitos, a partir das lacunas informacionais das quais as ações extensionistas visam abarcar. Destaca-se como estratégia da mediação da informação para tal fim, o estudo de usuários, serviços de informação utilitária etc.
Promoção da autonomia	A partir da integração das ações <i>in loco</i> , o diálogo das necessidades dos indivíduos e suas respectivas perspectivas de satisfação, pode-se conceber uma autonomia de informação. Logo, as modalidades de extensão em consonância as diversas estratégias de mediação, tais como o estudo de usuários, serviços de informação utilitária etc., podem estimular práticas independentes e contribuições individuais e coletivas, visando o estímulo a liberdade no sentido de agir.

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Pode-se afirmar, conforme estabelecido no quadro acima, que os elementos norteadores da relação Extensão Universitária e mediação da informação não se configuram pelo isolacionismo, mas na ideia cíclica de integração. Posto isto, fundamentado em uma acepção holística, compreende-se que as práticas extensionistas por meio da mediação, ao promoverem suas **intervenções e interferências** através das modalidades da primeira dimensão, proporcionam o **diálogo e interação** a partir da **integração** universidade-sociedade e sociedade-universidade viabilizando a **apropriação** em que os sujeitos tornam-se ativos nas formas de se obter informações. Dessa forma, impulsiona a **construção de novos conhecimentos**, oportuniza a **formação de competências e habilidades** e suas aplicações práticas, envolvendo-os em busca de estratégias necessárias para geração de **soluções de problemas** em abrangências diversas, seja individual ou coletivo.

Por conseguinte, esse processo pode viabilizar a efetiva **satisfação de necessidades** a partir da contemplação de lacunas informacionais, assim como constituir novas incertezas e, por fim, efetiva-se a **promoção da autonomia** do sujeito, consequência dessa cadeia circular integradora que promove por meio das diversas estratégias inseridas nas modalidades da extensão o amadurecimento de suas necessidades, bem como as satisfações informacionais para o protagonismo social e cognitivo em suas decisões.

Seguindo essa linha de raciocínio, as reflexões propostas por Silva e Farias (2018, p. 112), sobre as relações conceituais entre mediação e serviços de informação, se enquadram nos pressupostos do que se desenvolve nessa seção, assim como contribuem para potencializar seus ditos. Com base nesses autores, pode-se explicar que as relações entre a Extensão Universitária e a mediação da informação residem em uma mutualidade, em que a Extensão Universitária se constitui de práticas concretas e dinamizam as perspectivas de mediação, enquanto a mediação da informação dá um sentido lógico, estratégico, técnico, pedagógico e institucional a Extensão Universitária.

Considera-se que a extensão como prática de mediação da informação é constituída a partir de dois fatores fundamentais: tipos e eixos, ambos foram denotados em suas respectivas seções. A mediação estabelece elementos para a dinamização da extensão, por isso, pode-se afirmar que toda prática extensionista contém aspectos de mediação. Logo, pode-se pensar a ideia da mediação da informação aplicada a extensão no contexto geral, conforme as alíneas abaixo promovem e, no contexto específico, conforme o Quadro 3 mais adiante. A seguir, será abordado os tipos de extensão no cerne da mediação da informação sob uma visão holística:

- a) **mediação da informação no âmbito de programas extensionistas:** como um conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão (cursos, eventos e prestação de serviços), pode envolver a criação de uma rede de ações que promovam atividades de cunho transversal. Por exemplo: ação sobre “Tecnologia da Educação na Escola”, na perspectiva da integração e interdisciplinaridade, abarcando educadores, cientistas da computação, bibliotecários, dentre outros. Dessa forma, verifica-se a mediação contribuindo para a cooperação entre professores podendo englobar um leque de assuntos tanto em ações internas como externas. Um outro exemplo que pode explicitar essa situação enquadra-se na mediação da informação como dimensão que coopera para qualificar profissionais, abrangendo a atuação de múltiplos professores ou profissionais na gestão, tecnologia, organização, recursos e serviços, uma vez que o programa contempla um conjunto de projetos, os quais podem estabelecer diálogo e integração para formar um programa o qual pode ter como finalidade projetar, qualificar, realizar cursos, eventos e prestação de serviços;
- b) **mediação da informação no âmbito de projetos extensionistas:** podem aglomerar variados aspectos na perspectiva da prática mediacionista, que vão desde a criação de serviços, produtos, educação de usuários, preservação da memória, organização e dinamização de ambientes de informação até às ações culturais. Desse modo, tanto as estratégias de recursos e serviços de informação como as ações culturais podem contribuir nesse sentido, através da elaboração de projetos para captação de recursos (financeiro, humano e infraestrutura); estímulo à atividade artística como dança, teatro, música etc.; ações de alfabetização de crianças, jovens, adultos e idosos por meio de atividades culturais (SILVA, 2017a);
- c) **mediação da informação no âmbito de cursos extensionistas:** compreende fundamentalmente a educação de usuários, pois possui dimensões plurais de atuação, estabelecida como forma de aproximação entre os ambientes de informação e a realidade social dos sujeitos/usuários da informação (SILVA, 2018). Assim, pode-se pensar cursos extensionistas através da educação, com a finalidade de incentivar a leitura, pesquisa, ensino e aprendizagem em diversos contextos; na saúde, englobando aspectos de saúde pública, coletiva, preventiva etc.; cultura, através do fomento às atividades artísticas; trabalho e emprego, por meio de assuntos diversos sobre atuação profissional em variadas áreas; formação de temáticas do cotidiano, com foco no meio ambiente, ciência tecnologia, dentre outros;

- d) mediação da informação no âmbito de eventos extensionistas:** a mediação pode contribuir através das ações culturais tais como eventos (palestras, cursos, minicursos, diálogos formais e informais, grupos de estudo etc.) que valorizem a cultura das comunidades, seja escolar, científica e outras; práticas de mediação cultural a respeito de temáticas sugeridas pelas comunidades (SILVA, 2016);
- e) mediação da informação no âmbito de prestação de serviços extensionistas:** por caracterizar-se em ações enviesadas pela prática, pode-se pensar em uma ação específica para resolver um problema. Por exemplo, prestar um serviço que promova a interferência, para mostrar como se pode dinamizar a prática de pesquisa na comunidade escolar, utilizando das fontes de informação da biblioteca escolar; pensar na educação de sujeitos da informação para com o uso das tecnologias em comunidades diversas; prestar serviço de incentivo à leitura em Centros Comunitários;
- f) mediação da informação no âmbito de produção e publicação científica extensionista:** a mediação pode coadjuvar através da prática de produtos de informação físico e digital para elaborar manuais de serviços extensionistas a partir das ações desenvolvidas por eixo; elaboração de manuais/guias/cartilhas para acesso à e-book, periódicos e anais de eventos sobre extensão; construção de manuais/guias/cartilhas sobre organização/preenchimento de formulários de projetos de extensão; criação de manuais/guias/cartilhas para o desenvolvimento das ações de extensão; orientação sobre a construção de projetos para concorrer a editais internos (própria universidade) e externos (órgãos de fomento públicos e privados) que envolvem o campo da extensão; construção de um aplicativo para estabelecer uma rede local/estadual/nacional de diálogo entre instituições que promovem e fortalecem a extensão; criação de repositórios institucionais para cadastro da produção científica docente, discente e técnico-administrativa da universidade (SILVA, 2016).

O cenário delineado assegura que as modalidades de extensão podem ser aplicadas no âmbito das supracitadas práticas de mediação biblioteconômicas, visando interferir na comunidade. Essa relação torna-se relevante porque as modalidades da Extensão Universitária figuram-se conceituais, já a mediação da informação possui caráter aplicativo. Outrossim, as concepções elencadas da mediação da informação no plano das modalidades extensionistas podem ser aplicadas nos oito eixos integralizadores da extensão: Comunicação; Cultura;

Direitos Humanos e Justiça; Educação; Meio Ambiente; Saúde; Tecnologia e Produção; Trabalho.

Outro aspecto importante que determina a relação proposta nesta seção, é utilizar as tipologias de mediação para pensar múltiplas formas de atuação nas modalidades de extensão. Para tal finalidade, será abordado as tipologias propostas por Silva (2015) já que contemplam um campo mais amplo de atuação. Considerando que a mediação técnica abrange práticas de organização, práticas de sinalização, de estímulo à interação, de uso de fontes; a pedagógica está mais relacionada aos serviços de informação; e a institucional ligada aos processos de gestão, pode-se explicitar a seguinte questão: Como pensar as tipologias de mediação no âmbito das modalidades de extensão? Mediante essa indagação, elaborou-se o quadro que segue, sob uma visão de aplicação pluralista, ou seja, há elementos que se aplicam a vários aspectos contextuais da extensão.

Quadro 3 – Aplicabilidade das tipologias de mediação da informação nas práticas de Extensão Universitária (continua..)

Tipos de mediação da informação	Tipos de práticas da extensão	Aplicações
Mediação técnica	Programa	Pode-se pensar na criação de programas para pensar na organização do conhecimento, o estímulo interativo, o uso de tecnologias, modelo de uso de equipamentos etc.
	Projeto	Contempla a criação de serviços, produtos, educação de usuários, preservação da memória, organização e dinamização de ambientes de informação, ações culturais e recursos e serviços informacionais, tanto a mediação à luz do processo interativo como a mediação da organização de acervo, através da organização, registro e uso da informação em softwares gerenciadores.
	Curso	Pensando em cursos que ofertem a educação de usuário, entendimento da tecnologia, de organização dos conhecimentos, ou seja, a partir de uma visão mais técnica da realidade.
	Evento	Compreende a realização de palestras, oficinas, grupos de estudo, dentre outros, que podem potencializar as ações extensionistas, além dos elementos que determinam a organização do acervo para gerar novas pesquisas, serviços e produtos nesse sentido, seja físico (manual, guia, plano etc.) como digital (softwares, aplicativos, materiais audiovisuais, entre outros).
	Prestação de serviços	Como os eventos, a prestação de serviços, por caracterizar-se em ações no sentido prático, demanda de fontes de informação para execução nos diversos eixos.
	Produção e publicação acadêmica	Pode-se pensar na prática de organização de acervo, registro e uso das fontes de informação para a elaboração dos produtos

		físicos e digitais de informação (manuais, e-books, guias, cartilhas).
Mediação pedagógica	Programa	Permite a realização de projetos e outras ações de extensão (cursos, eventos, prestação de serviços) respaldados pelo estudo de usuários, das questões tecnológicas, de serviços e produtos etc.
	Projeto	Também pode-se pensar essa relação através de práticas de ação cultural, como de recursos e serviços de informação, por meio de projetos de estímulo a leitura, escrita, produção textual, atividades artísticas, empreendedorismo etc.
	Curso	A partir da educação de usuários, torna-se possível pensar cursos/oficinas/treinamentos com enfoque nos diversos eixos extensionistas.
	Evento	Pensar em propor a mediação no Serviço de Informação Utilitária (SIU), utilizando temáticas sobre saúde, cultura e lazer, utilidade pública, trabalho etc. as quais podem ser trabalhados em palestras cursos, minicursos, diálogos formais e informais, grupos de estudo, dentre outras ações.
	Prestação de serviços	A mediação a partir de serviço de informação, tais como a Disseminação Seletiva da Informação (DSI), informação utilitária, educação de usuário, ação cultural, estímulos à prática de leitura, questões tecnológicas, incentivo a pesquisa, estímulo ao empreendedorismo etc.
	Produção e publicação acadêmica	Através do resultado da realização da mediação de leitura, na pesquisa, DSI e o SIU, é possível pensar em políticas de acesso à informação (incluindo científica e tecnológica), inclusão digital e acessibilidade informacional, criados para elucidar os usuários sobre ações específicas em formato físico e digital.
Mediação institucional	Programa	Essa tipologia de mediação oportuniza pensar nos processos gerenciais de forma articulada, dos projetos e demais ações de extensão. Permite planejar as formas para gerenciar e/ou captar recursos financeiros, pessoais, equipamentos, acervo e instrumentos tecnológicos.
	Projeto	Estimula o gerenciamento desde a fixação de objetivos, definição das linhas de ação, etapas para atingi-los, os recursos necessários à consecução desses objetivos, até a execução de serviços, produtos, educação de usuários, preservação da memória, organização e dinamização de ambientes de informação e ações culturais.
	Curso	Por caracterizar-se com carga horária que variam pela objetividade, a mediação institucional oferece estratégias formais (técnicas e métodos especializados) para estabelecer parcerias e pensar noutros recursos inerentes dessa mediação, com o objetivo de obter resultados eficazes.
	Evento	A captação de gerenciamento de recursos pessoais e equipamentos configuram-se como funcionalidade essenciais para realização de palestras, oficinas, cursos e minicursos. Apesar do recurso financeiro esculpir-se como relevante para prática desses eventos, em muitos casos, a prioridade sobressai nos recursos humanos e infraestrutura.

	Prestação de serviços	Realizar uma interferência através da prestação de serviço, significa garantir qualidade principalmente dos recursos humanos, acervo e instrumentos tecnológicos, já que, em determinados casos, o financeiro pode ser gerado a partir de determinado serviço. Além disso, essa modalidade, quando realizada de forma eficaz, viabiliza a captação dos demais recursos de forma fluida.
	Produção e publicação acadêmica	A elaboração de guias, manuais, cartilhas, catálogos, blogs/sites resultantes de ações extensionistas, deve priorizar a captação e gerenciamento de recursos humanos e os instrumentos tecnológicos, de maneira estratégica e interativa, o financeiro, pode ser necessário em casos de elaboração de software e aplicativos.

Fonte: elaborado pelos autores (2020) adaptado de Silva (2016, 2017a, 2018) e Silva e Farias (2018).

Diante do quadro exposto, as perspectivas de atuação envidadas pela mediação da informação técnica, pedagógica e institucional é condição *sine qua non* para identificar como se pode pensá-las no tocante às modalidades de Extensão Universitária. Por isso, a integração das tipologias com as modalidades é fundamental para uma articulação estratégica de execução, posto que há muitas similaridades, particularidades e complementaridades entre ambas as dimensões, quando atuantes em sinergia, promovem a igualdade de oportunidades, reconhecimento das diferenças, integração, inclusão e autonomia.

Um outro aspecto que pode ser enfatizado é o compromisso das universidades enquanto produtora de conhecimento e tecnologia exercerem a responsabilidade social pelo viés da ação da extensão, principalmente para as comunidades externas. Conforme Silva (2017, p. 73),

[...] deixar de ser uma instituição desarticulada dos interesses sociais e tornar-se protagonista de um processo educativo capaz de interferir na sociedade é uma conquista que deve ser galgada por essas instituições. A universidade participativa está intimamente relacionada à aproximação desta com a realidade externa e provoca um processo de revisão do processo de interpretação da missão educacional da instituição.

Essa missão educacional da instituição reflete na formação dos profissionais da informação que devem considerar esses campos no processo de interlocução como aporte para propiciar essa educação essencial que contemple a participação do cidadão na sociedade. Logo, esses aspectos devem ser levados em consideração, pois tanto a Extensão Universitária como a mediação da informação desempenham um *modus operandi* de atuação que envolvem uma rede de nichos temáticos os quais permitem aplicação e proporcionam impacto as comunidades envolvidas.

5. Considerações finais

As discussões da presente pesquisa têm sido focalizadas para responder a seguinte pergunta: Quais as possíveis relações entre Extensão Universitária e mediação da informação? Essas relações possuem como base os aspectos teóricos e práticos de ambos os objetos, que atuam de forma pedagógica e institucional visando a construção de estratégias, intervenções e interferências trabalhadas no cotidiano acadêmico de uma forma contextual e direcionadas à sociedade no geral.

Nessa perspectiva, levando em consideração o objetivo geral do estudo, destaca-se, enquanto relações teóricas entre Extensão Universitária e mediação da informação os seguintes atributos norteadores, a saber: intervenção e interferência; dialogicidade e interacionismo; integração; apropriação; construção de novos conhecimentos; formação de competências e habilidades; solução de problemas; satisfação de necessidades e promoção da autonomia. Esses podem ser considerados os elementos concepcionais os quais embasam as potenciais relações entre ambas as dimensões, ou seja, têm-se a ideia da extensão para a mediação.

No que tange as relações práticas entre Extensão Universitária e mediação da informação, destaca-se, numa perspectiva macro, as propostas aplicativas da mediação inseridas no contexto dos projetos; programas; cursos; eventos; prestação de serviço e produção e publicação acadêmica, a fim de potencializar e dinamizar essas modalidades de atuação. Quanto a noção micro, pode-se vislumbrar claramente as questões aplicacionais a partir dos pressupostos tipológicos da mediação técnica, pedagógica e institucional as quais contribuem na tríade planejar/desenvolver/executar das práticas de extensão, considerando as modalidades supramencionadas. Logo, tais relações figuram-se pela ideia que parte da mediação da informação para a Extensão Universitária.

Com efeito, fica evidente a relação simbiótica de como a Extensão Universitária se apropria dos elementos da mediação da informação, do mesmo modo, pensando na aplicação da mediação para otimizar as práticas de extensão. Além disso, através da compreensão dessas relações teórico-práticas, identifica-se que as práticas/modalidades da Extensão Universitária se figuram conceituais, já os atributos da mediação da informação possuem caráter aplicacional.

Em linhas gerais, com o desenvolvimento teórico da pesquisa, denotando a Extensão Universitária e a mediação da informação de forma particularizada com intuito de estabelecer as possíveis relações. Vale ressaltar, ainda, outros possíveis temas que o artigo pode suscitar,

tais como: a) relação entre Extensão Universitária e gestão da informação e do conhecimento; b) Extensão Universitária e Políticas Públicas de Cultura, Educação e Informação (PPCEI); c) serviços de informação e suas relações com a extensão; d) extensão e competência informacional; e) metodologia, pesquisa científica e extensão etc.

Por fim, essa investigação não se caracteriza pelo depauperamento do estudo em foco, todavia, evidencia uma concepção epistemológica (conceitual e aplicacional) que norteia as relações entre Extensão Universitária e mediação da informação. Ademais, demonstra várias possibilidades de aplicação para práticas profissionais em ambientes de informação. Portanto, as relações entre essas dimensões ressaltam o amplo caráter técnico, pedagógico e institucional da área da Ciência da Informação e Biblioteconomia por envidar diretrizes estratégicas que pensam, planejam, idealizam e viabilizam aplicações práticas informacionais. E, quando relacionado a extensão, permitem processos de apropriação, criação de serviços e produtos, construção de conhecimentos e tomadas de decisão nos diversos grupos e comunidades da sociedade.

Referências

- ALMEIDA, Carlos Cândido de. Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1308/Almeida.pdf?sequence=1>. Acesso em: 6 ago. 2020.
- ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2008. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/7779>. Acesso em: 24 set. 2020.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-03, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170>. Acesso em: 6 out. 2020.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo; SILVA, Rovilson José da (org.). Mediação oral da informação e da leitura*. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Mediação como conceito potencializador do diálogo entre a ciência da informação e os campos da arquivologia, biblioteconomia e museologia. *In:*

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012. Disponível em: <http://www.eventosecongressos.com.br/metodo/enancib2012/arearestrita/pdfs/19256.pdf>. Acesso em: 6 out. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 99/2017 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. **Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931**. Dispõe sobre o ensino superior no Brasil. Rio de Janeiro, 11 abr. 1931. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19851.htm. Acesso em: 10 maio 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 4 set. 2020.

CRIPPA, Giulia. Exposições e dispositivos do gênero no espaço público: silêncios da mediação cultural. *In*: COLÓQUIO MEDIAÇÕES E USOS DE SABERES E INFORMAÇÃO, 1., 2008, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Rede MUSSI, 2008. p. 491-506.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Mediação, usos e usuários: reflexões e análise de caso. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília, DF. **Anais** [...]. Brasília, DF: UFMG, 2011. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1387/Media%20a7%20a30%20-%20Duarte.pdf?sequence=1>. Acesso em: 6 set. 2020.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes. Mediação e competência em informação: proposições para a construção de um perfil de bibliotecário protagonista. **InCID**: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 106-125, set. 2015/fev. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/101368>. Acesso em: 6 set. 2020.

FIALHO, Jaina Ferreira; NUNES, Martha Suzana Cabral; CARVALHO, Telma de. A mediação da informação nos grupos de pesquisa e no GT3 dos ENANCIB: espaços de comunicação científica em Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 252-276, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/66952>. Acesso em: 6 set. 2020.

FORPROEX. **Extensão universitária**: organização e sistematização. Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

FORPROEX. **Plano nacional de extensão universitária**. Ilhéus: Editus, 2001. (Coleção Extensão Universitária, v. 1).

FORPROEX. **Política nacional de extensão universitária**. 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

FREIRE, Isa Maria. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v35n2/a07v35n2.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Henriette Ferreira. Tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudo em periódicos e anais dos ENANCIB (2008-2009). **Pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 85-99, jan./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/187>. Acesso em: 6 set. 2020.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis in information science: eleven approaches - traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002.

HJØRLAND, Birger; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in Information Science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

MALHEIRO, Armando; RIBEIRO, Fernanda. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2011.

MARTELETO, Regina Maria; ANDALÉCIO, Aleixina Maria Lopes. Jovens e violência: construção de informações nos processos de mediação e apropriação de conhecimentos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2006. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1302/Regina-Marteleteo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 8 set. 2020.

NOGUEIRA, Maria Das Dores Pimentel (org.). **Políticas de extensão universitária brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

SANCHES, Gisele A. Ribeiro; RIO, Sinomar Ferreira. Mediação da informação no fazer bibliotecário no âmbito das ações culturais. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, jul./dez., 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42323>. Acesso em: 6 set. 2020.

SILVA, Armando Malheiro. Mediações e mediadores em ciência da informação. **Prisma.com**, [s. l.], n. 9, 2009. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2057>. Acesso em: 6 set. 2020.

SILVA, Elieny do Nascimento. **A responsabilidade social da Biblioteconomia nas ações de extensão universitária**. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Como a biblioteca universitária pode contribuir para as práticas de pesquisa. **INFOhome**, [s. l.], dez. 2016. Disponível: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1022. Acesso em: 29 out. 2020.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Como atuar com educação de usuários. **INFOhome**, [s. l.], set. 2018. Disponível: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1152. Acesso em: 29 out. 2020.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Como atuar em bibliotecas comunitárias. **INFOhome**, [s. l.], jun. 2017a. Disponível: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1060. Acesso em: 29 out. 2020.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Fundamentos da informação I**: perspectivas em Ciência da Informação. São Paulo: ABECIN Editora, 2017b.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Percepções conceituais sobre mediação da informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 93-108, mar./ago. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/89731/96288>. Acesso em: 14 jul. 2020.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; FARIAS, Maria Giovanna Guedes. Abordagens conceituais e aplicativas da mediação nos serviços de informação. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 106-123, set. 2017/fev. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/122628>. Acesso em: 12 set. 2020.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; SILVA, Andreia Santos Ribeiro. A mediação da informação como prática pedagógica no contexto escolar: algumas considerações. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 1-30, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106561/105158>. Acesso em: 14 set. 2020.

VARELA, Aida Varela. Informação, cognição e mediação: vertentes, contextos e pretextos. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, [s. l.], v. 1, p. 21-45, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3621/1/1541-8095-1-PB.pdf>. Acesso em: 7 set. 2020.

Artigo submetido em: 09 jan. 2021

Artigo aceito em: 31 maio 2021